

A IMPORTÂNCIA DE ROGER BASTIDE COMO UM “DIVISOR DE ÁGUAS” PARA OS ESTUDOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

THE IMPORTANCE OF ROGER BASTIDE AS A “TURNING POINT” FOR THE STUDIES OF AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS

*Sergio Sezino Douets Vasconcelos**

*Aerton Alexander de Carvalho Silva***

RESUMO

Este artigo busca compreender a importância das pesquisas de Roger Bastide, como um provocador da virada epistemológica nos estudos afro-brasileiros, marcando um novo lugar de percepção, a partir do qual se vem buscando analisar as ricas e complexas redes de construção no seio das religiões e religiosidades afro-brasileiras. Bastide foi o primeiro pesquisador no Brasil que buscou, de forma interdisciplinar, compreender a construção das religiões africanas no Brasil, a partir da perspectiva do próprio negro. O presente trabalho busca apresentar alguns momentos dos estudos afro-brasileiros sobre o sincretismo afro-católico, como cenário para compreender o salto qualitativo que a pesquisa de Roger Bastide provocou nos estudos sobre o sincretismo afro-católico no Brasil.

Palavras-chave: Roger Bastide, Sincretismo afro-católico, Sincretismo religioso

* Doutor em Teologia pela *Westfälische Wilhelms-Universität Münster*, na Alemanha. Professor dos Programas de Pós-graduação de Ciências da Religião (Mestrado e Doutorado) e Teologia (Mestrado) na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Atualmente é Coordenador do Curso de Bacharelado de Teologia na UNICAP. E-mail: sergio.douets@unicap.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4339279132579440>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0923-3586>.

** Doutor (2019) e Mestre (2008) em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Pastoralista e conferencista na área de formação humana para jovens, pais e educadores. Diácono Permanente na Arquidiocese de Olinda e Recife. Membro do Grupo de pesquisa Religiões, identidades e diálogos UNICAP/CAPEs. E-mail: aertonaacarvalho@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9561397925000352>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5799-972X>.

ABSTRACT:

This article aims to understand the researches of Roger Bastide, as a provocateur of the “epistemological turn”, in Afro-Brazilian studies, marking a new perception from which one has been searching analyzing the rich and complex network of construction within religions and Afro-Brazilian religiosities. Bastide was the first researcher in Brazil who sought, in an interdisciplinary way, to understand the construction of African religions in Brazil, from the perspective of the black person/black himself. The present study seeks to present some moments of Afro-Brazilian studies on Afro-Catholic syncretism as a scenario to understand the qualitative improvement that Roger Bastide's research has provoked in the studies on Afro-Catholic syncretism in Brazil.

Keywords: Roger Bastide, Afro-Catholic Syncretism, Religious Syncretism

ORIGEM HISTÓRICA DO CONCEITO DE SINCRETISMO

O termo sincretismo (BOCHINGER, 1994, 320-327) foi utilizado primeiramente por Plutarco para designar a união das comunidades de Creta, muitas vezes rivais entre si, na defesa contra um inimigo comum. O termo teve, no seu desenvolvimento histórico, inicialmente um significado político-social (WAGNER, 1994, p. 238), sendo seu significado teológico historicamente posterior, tendo sido redescoberto no século XVI por Erasmus von Rotterdam. Erasmo o utilizou para designar a união de ensinamentos filosóficos e teológicos para a defesa de posições comuns fundamentais, a partir da reflexão racional, entre os reformadores e os humanistas, mesmo que originalmente tais ensinamentos possuíssem diferenças ou fossem de origens independentes (BOCHINGER, 1994, p. 320). Segundo Mager:

A partir da Reforma Protestante, inicialmente o termo sincretismo significou o processo de harmonizar as diferenças confessionais (principalmente entre as diferentes direções no movimento reformador), na busca de uma base fundamental comum. Com o desenvolvimento posterior do movimento da Reforma e o endurecimento das várias confissões em relação às afirmações sempre mais radicais da pureza do próprio ensinamento em relação aos outros movimentos reformadores, o termo foi cada vez mais adquirindo um caráter pejorativo, significando fundamentalmente “mistura de religiões” (MAGER, 1996, p. 607-608).

Só a partir do século, nas Ciências da Religião é que o termo sincretismo começa a ser utilizado como *terminus technicus* para analisar o processo de fusão de diferentes mitos e tradições religiosas.

O conceito de sincretismo não apresenta, deste modo, no seu desenvolvimento histórico, uma unidade conceptual que possa ter uma utilização normativa. Nas Ciências da Religião há várias tentativas de análise sobre os fenômenos sincréticos nos sistemas religiosos, apresentando uma grande variedade de definições propostas, com diferentes interpretações conceituais, tais como mistura, síntese, identificação, justaposição, interpenetração, simbiose etc. (BREEVELD, 1975). Essa falta de unidade conceitual dificulta muito na discussão sobre o fenômeno, provocando mal-entendidos que não permitem a compreensão necessária deste fenômeno natural que é característico de todo sistema religioso, que de alguma forma, no seu processo de constituição, entra em contato com outros sistemas religiosos. Segundo Van der Leeuw, a análise de uma das grandes religiões pressupõe levar em conta a sua dinâmica, pois uma religião histórica é uma forma, um organismo. Ela não é algo fixo, mas sim um organismo que cresce continuamente (LEEUEW, 1956, p. 689). Neste sentido, toda religião na sua pré-história, enquanto processo histórico constituído pelas mais complexas e diferentes influências, é um sincretismo. Estas influências, que constituem o processo histórico dinâmico de uma religião na construção do sincretismo são múltiplas, podendo ser causadas, segundo ele, pela experiência da colonização sofrida por um grupo religioso, da sua expulsão ou migração, ou ainda por fatores econômicos ou geopolíticos.

Um aspecto que também dificulta a discussão sobre o fenômeno do sincretismo religioso encontra-se na sua utilização na reflexão teológica cristã, muitas vezes impregnada do medo da “relativização do cristianismo” (BRANDT, 1986, p. 144). Outra dificuldade ocorre quando o sincretismo é observado como algo exterior ao cristianismo, ou seja, como um fenômeno característico de outras tradições religiosas (TERRA, 1985, p. 76-92), dificultando assim uma análise objetiva do fenômeno no interior do cristianismo. A análise do sincretismo possui, já a priori, muitas vezes, o seu julgamento negativo. Desta forma, a utilização do conceito de sincretismo contém sempre já algo sobre o autor que o utiliza e o seu sistema de pensamento (FELDTKELLER, 1992, p. 228).

A ANÁLISE PSICOLÓGICA EVOLUCIONISTA SOBRE O SINCRETISMO

Nina Rodrigues foi o primeiro etnólogo brasileiro a chamar a atenção sobre o problema do sincretismo entre os Orixás e os santos católicos no Brasil. Ele faz uma distinção entre os africanos que ainda teve oportunidade de conhecer na Bahia e os seus descendentes. Segundo ele, os africanos limitavam-se a justapor os santos católicos aos Orixás africanos, considerando-os paralelos, mas distintos, enquanto que para os descendentes dos negros africanos a mitologia africana perdera a sua pureza inicial e a adoração “fetichista” transportara-se para os santos católicos. Como afirma Nina Rodrigues, “Se no negro africano havia e há ainda simples justaposição das idéias religiosas bebidas no ensino católico, às ideias e crenças fetichistas, trazidas da África, no crioulo e no mulato há uma tendência manifesta e incoercível a fundir essas crenças, a identificar esses ensinamentos” (RODRIGUES, 2006, p. 171). A catequese do negro, segundo Rodrigues, não passaria de uma ilusão,¹ sendo o sincretismo uma consequência da incapacidade antropológica do negro em compreender os conceitos cristãos.

Artur Ramos, discípulo de Nina Rodrigues, ampliou os estudos até então realizados pelo seu mestre, dando-lhe uma interpretação psicológica. Para ele, o negro não aceitou o cristianismo pregado pelos missionários devido à sua incapacidade psicológica de abstração, estando por isso impedido de compreender o monoteísmo. O negro incorporou o catolicismo ao seu sistema mítico-religioso, transformando assim o “fetichismo” em uma vasta religião politeísta. Os Orixás teriam sido confundidos com os santos (RAMOS, 1951, p. 113-114). Segundo Ramos, a incapacidade do negro em compreender o cristianismo não estaria em sua incapacidade antropológica, como foi a tese levantada por Nina Rodrigues, mas sim em função da sua mentalidade primitiva, ou seja, na incapacidade de um grupo social atrasado culturalmente, não se tratando de uma incapacidade imutável, antropológica, mas sim psicológico e sociológico.

Waldemar Valente dedica uma de suas obras à análise do sincretismo afro-católico (VALENTE, 1955). O autor partilha da tese de Nina Rodrigues sobre a acomodação

1 Gilberto Freyre critica Nina Rodrigues quanto a sua afirmação da “ilusão da catequese” e afirma o papel do catolicismo em relação aos negros: “[...]Mesmo diante das evidências reunidas pelo cientista baiano a favor de sua tese, não se pode negar a extensa ação educativa, abrasileirante, moralizadora no sentido europeu, da religião católica sobre a massa escrava”. Cf.: FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 406.

feita pelos negros entre a religião africana e o catolicismo, como também a tese de Artur Ramos sobre a momentânea incapacidade psicológica do negro para assimilar os delicados conceitos cristãos (VALENTE, 1955, p. 69). Valente dá um novo passo nos estudos sobre o sincretismo tentando analisar as etapas do processo sincrético afro-católico. Para Valente o sincretismo é um processo de integração cultural que teria como função preventiva a redução ou eliminação de conflitos, possuindo no seu desenvolvimento duas fases que podem ser comparados aos processos de acomodação e assimilação (VALENTE, 1955, p. 12). O Primeiro é o processo de acomodação, como fase inicial e de preparação à formação final do sincretismo. Nesta fase se estabelece um processo de ajustamento de ordem exterior, não havendo mudança de ordem interna, mantendo os indivíduos e os grupos envolvidos no conflito social a ligação com a sua cultura original. A segunda fase é a assimilação, onde, ao contrário da primeira, implica uma modificação da experiência anterior. É um processo de interpretação e fusão, onde os indivíduos e os grupos adquirem tradições, sentimentos e atitudes de outros indivíduos ou grupos, incorporando-se em uma mesma vida cultural. Apresenta-se como um processo gradual e ao contrário do primeiro momento, é um processo tipicamente inconsciente, que se realiza despercebidamente (VALENTE, 1955, p. 12).

O autor afirma que o momento de assimilação é o momento atual do sincretismo afro-católico (VALENTE, 1955, p. 69). O catolicismo, segundo Valente, teria uma superioridade evidente nesta simbiose e onde esta superioridade da influência católica ainda não foi observada, teria como causa “a base mental” dos negros, que estão “momentaneamente impermeáveis aos conceitos delicados e sutis do cristianismo” (VALENTE, 1955, p. 71-72). Valente estava convicto sobre a superação da incapacidade mental do negro devido ao seu atraso cultural pela influência do catolicismo. O catolicismo, na medida que cresce a sua influência no processo de assimilação, teria um papel “solvente” sobre a cultura africana.²

² “As tradições do fetichismo africano foram-se transmitindo através do tempo, mas, diluindo-se pouco a pouco com a fusão dos elementos religiosos estranhos e principalmente católicos, que agiram como um poderoso solvente. E à proporção que se diluíam e branqueavam os tipos raciais negros, no contato dissolvente, extenso e profundo, com os brancos, diluíam-se também as religiões que eles traziam da África.” Cf.: (VALENTE, 1955, p. 72).

Waldemar Valente, como também Artur Ramos, criticou a tese da inferioridade antropológica do negro como causa do sincretismo levantada por Nina Rodrigues, tentando superá-la. Para Valente, Artur Ramos supera a visão racista de Nina Rodrigues, mas mantém-se na polaridade “mentalidade primitiva” e “mentalidade moderna”, tendo em vista a influência de Levy-Bruhl nos seus estudos (RAMOS, 1951, p. 204ss). Valente, no entanto, parte do pressuposto da superioridade do catolicismo em relação à cultura africana, estando esta “incapacidade” em processo de superação. O sincretismo seria então o processo atual de superação desta incapacidade mediante a assimilação cada vez maior do catolicismo.

Mesmo estando a sua interpretação marcada por um pressuposto cultural evolucionista, onde o catolicismo se apresentaria como um estágio superior em relação à religião “negra primitiva”, as pesquisas de Valente trouxeram novos elementos válidos à análise do sincretismo afro-católico. Os processos de acomodação e assimilação analisados por Valente podem, ao nosso ver, ajudar a compreender os dois momentos da relação entre as religiões africanas com o catolicismo no Brasil. O processo de acomodação ajuda a compreender o que se processou no primeiro momento no sistema colonial, onde o sistema cultural católico-europeu foi imposto pela força e violência aos negros. Neste primeiro momento, o sistema simbólico católico foi utilizado pelos negros como estratégia, muitas vezes consciente, de resistência, ao disfarçarem os seus Orixás sob o manto dos santos católicos. A fase posterior, chamada por Valente de fase de assimilação, foi desenvolvida pelas gerações posteriores, onde os elementos internos dos dois sistemas são, na afirmação de Valente, interpenetrados e fundidos, processando-se de forma inconsciente. Esta segunda fase do processo sincrético apresentada por Valente no seu estudo interessa de forma especial neste trabalho. Há dois elementos apresentados pelo autor que, ao nosso ver, são importantes para a compreensão da relação entre o Candomblé e o catolicismo: O primeiro é a constatação de que esta relação não se processa como estratégia, ou disfarce. Uma postura consciente estratégica só poderá, de certa forma, ser buscada em escravos vindos diretamente da África.³ O segundo, é a constatação que o sincretismo religioso é uma obra

3 A análise sobre os sentimentos dos escravos em relação ao cristianismo é problemática e difícil de ser feita pela falta de material disponível. Mesmo nas pesquisas de Nina Rodrigues, onde o autor diferencia entre os escravos africanos e os mulatos, onde os negros africanos teriam realizado uma

realizada inconscientemente pelos grupos envolvidos, sem que haja um planejamento consciente prévio.

Um certo “evolucionismo cultural” prevaleceu na primeira fase dos estudos realizados sobre a cultura negra no Brasil. Um importante material etnográfico tem sua origem neste período, mas nas interpretações deste material a cultura africana é sempre analisada em relação à superioridade evidente do catolicismo. Um outro fato importante, é que entre os autores, ao falarem de catolicismo, está subentendido não só um sistema religioso, mas também um sistema cultural, no caso, o europeu.

Os estudos e as interpretações feitas pelos etnólogos sobre a cultura negra neste período, realizaram-se em um momento onde as elites brasileiras, após a libertação dos escravos, defendia a ideologia do embranquecimento do Brasil, com a abertura dos portos aos migrantes europeus ao mesmo tempo em que era controlada a entrada de africanos livres que quisessem viver no Brasil. O embranquecimento da população mestiça no Brasil, a degradação e eliminação dos elementos africanos juntamente com a crescente influência do catolicismo sobre as religiões negras eram compreendidos como evolução cultural.

A ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE ROGER BASTIDE SOBRE O SINCRETISMO

O trabalho de Roger Bastide marca uma segunda fase nos estudos sobre o negro no Brasil. Ele parte do ponto de vista sociológico. Nos seus estudos, a relação entre as religiões africanas e o catolicismo não se realiza em um vácuo histórico. Seu ponto de partida para a compreensão do sincretismo é a situação de escravidão, onde os negros foram obrigados a se esconderem, por trás dos santos católicos, para poderem continuar a reverenciar os seus Orixás (BASTIDE, 1985b, p. 359). E para compreender este fenômeno, normalmente chamado de sincretismo, é necessário ter-se presente as relações que facilitaram a introdução do catolicismo nas religiões

justaposição enquanto os mulatos iniciaram o processo de sincretismo, não nos parece em todo convincente. Nos três séculos de escravidão no Brasil houve um movimento permanente de chegada de novos escravos vindos da África, mas ao mesmo tempo, já nas senzalas, nas vilas e cidades, o desenvolvimento de uma população mestiça. Como seria então possível afirmar que os dois grupos, os africanos e os mulatos, possuíram ao mesmo tempo duas posturas diferentes frente ao catolicismo, tendo em vista que não houve, até a abolição da escravidão, uma superação do negro africano pelo mulato. Desta forma é, ao nosso ver, difícil de afirmar a localização de uma linha divisória entre os que realizaram uma justaposição estratégica e os que iniciaram o sincretismo.

africanas e a sua reinterpretação em termos “africanos” ou afro-brasileiros. Bastide apresenta três relações explicativas: primeiro, as relações estruturais entre a teologia católica da intercessão dos santos, ou seja, a relação entre a intercessão dos santos à Virgem Maria, que por sua vez intercede junto a Jesus e este junto a Deus Pai, e a cosmologia africana com os Orixás como intercessores entre os seres humanos junto a Olorum. Segundo a relação cultural, os santos estão ligados às atividades da vida humana,⁴ do mesmo modo que na África os Orixás estão relacionados a elementos da natureza e, como os santos católicos, possuem o poder de curar e proteger. Terceiro, é o que Bastide chama de relação sociológica, ou seja, a relação entre as Confrarias negras católicas e as nações africanas. Estas três relações constituem, segundo ele, a base sociológica do sincretismo (BASTIDE, 1985b, p. 362).

Este processo de correspondência é chamado por Bastide de “sincretismo externo”, como um processo de fora para dentro (BASTIDE, 1985b, p. 374). A complexidade maior na análise do sincretismo está na análise do sincretismo interno, ou seja, descobrir as atitudes afetivas ou mentais que caracterizaram a psique do negro quando ele identifica o Orixá com o santo católico.

Na medida em que Bastide foi realizando as suas entrevistas no Nordeste do Brasil, foi-lhe ficando claro que a problemática por ele levantada não era uma pergunta para os negros. Era um “falso-problema” que, segundo ele, partia de uma mentalidade lógica que postulava a tese de que todo sincretismo externo deveria corresponder a um sincretismo interno (BASTIDE, 1983, p. 160). Por não ser uma pergunta existencialmente problematizada pelos negros, na medida que as perguntas eram feitas, o entrevistado iniciava um processo de racionalização da sua Fé, provocando respostas criadas no momento. Bastide afirma que as respostas obtidas foram dadas em função do momento, pois a problemática levantada por ele sobre o sincretismo não havia sido, até o momento da entrevista, problematizada pelos entrevistados (BASTIDE, 1983, p. 160). Os fiéis não sentem uma contradição entre os Orixás e os

4 No Nordeste do Brasil há os santos que estão relacionados com a solução de determinados problemas ou curas de determinadas doenças. Por exemplo, São Bento é o protetor que cura as pessoas que foram mordidas por cobras. São Braz e São Geronimo, protegem as pessoas contra doenças na cabeça ou na garganta. Santo Antônio é conhecido como o santo protetor que auxilia as pessoas solteiras que buscam um casamento...etc.

santos. Este problema, na perspectiva do negro, é um pseudoproblema (BASTIDE, 1985b, p. 376).

No início, segundo Bastide, houve um sincretismo diante da necessidade dos negros mostrarem aos brancos que eram bons católicos. Os graus do sincretismo psíquico estariam relacionados aos graus do que Bastide chama de sincretismo ecológico (BASTIDE, 1985b, p. 378), ou seja, a justaposição de ambos os elementos e símbolos (BASTIDE, 1985b, p. 376).

O erro, segundo Bastide, estaria em querer buscar uma explicação a nível racional (BASTIDE, 1983, p. 181). Para ele, o pensamento do negro no processo sincrético se move no plano das participações, analogias e das correspondências (BASTIDE, 1983, p. 182). O negro procura analogias entre as diversas divindades; não se trata de identificá-las, nem de misturá-las, o que seria, de fato, um sincretismo. Ele busca encontrar equivalências místicas (BASTIDE, 1983, p. 183). E é dentro destas classificações analógicas que o cristianismo vai se enquadrar. Não há uma identidade, mas sim, um raciocínio por semelhança o qual produz um sistema de equivalências funcionais de uma religião para outra (BASTIDE, 1983, p. 184).

A IMPORTÂNCIA DAS CONFRARIAS NEGRAS PARA A CONSTRUÇÃO DO SINCRETISMO AFRO-CATÓLICO

Segundo Bastide, é importante ter presente o processo de urbanização no Brasil e as transformações sócio-políticas e econômicas ocorridas durante o século XIX para melhor compreendermos o papel desenvolvido pelas Confrarias negras e o seu papel na formação das religiões de matriz africana. A cidade brasileira no começo foi quase que apenas um prolongamento do mundo rural. Os sobrados urbanos eram cópias da casa-grande no engenho, construído com grandes jardins que preservavam o isolamento da família patriarcal. Aos escravos, que antes habitavam as senzalas, coube habitarem as dependências úmidas e apertadas nos fundos das casas ou nos porões, e a antiga capela do engenho foi transformada em um altar familiar. Mas a mesma urbanização que eliminou as distâncias geográficas e o isolamento das grandes propriedades não consegue eliminar a distância e o isolamento dos dois grupos sociais. Os brancos continuam o seu processo de extensão dos valores e

estilos da sociedade europeia, agora nos ambientes urbanos dos teatros, das festas de salão, nos clubes políticos, nas lojas maçônicas, nas Universidades etc. Como afirma Bastide:

De fato, a urbanização longe de ter ajudado a integração do negro e do branco em uma mesma sociedade, parece ter agido no sentido contrário, salva talvez nas grandes festas populares, onde todas as cores se encontravam, misturando-se na alegria comum, e ainda nas procissões em que desfilavam juntas as confrarias de negros e brancos. Mas mesmo aqui as raças permaneciam separadas; as confrarias do Rosário ou de São Bento eram as primeiras, à frente do cortejo, e as irmandades dos brancos rodeavam o pólio do bispo ou do pároco (BASTIDE, 1983, p. 95-96).

O mundo rural, por outro lado, favoreceu de certa forma a uma dispersão cultural. Isto devido ao isolamento entre os grupos sociais, ao controle do senhor e dos seus feitores sobre os escravos, o interesse em cada vez mais misturá-los com diferentes nações na senzala. Segundo Bastide, “A escravidão da plantação desafricanizou o negro, a escravidão urbana o reafricanizou, pondo-o em contato incessante com seus próprios centros de resistência cultural, confrarias e nações” (BASTIDE, 1985a, p. 96).

As Confrarias⁵ foram associações religiosas urbanas e leigas surgidas no catolicismo, tendo a sua origem nas corporações de artes e ofícios medievais. Essas Confrarias surgiram no período colonial e sobreviveram até a época imperial, tendo o seu declínio acontecido no período republicano (HOORNAERT, 1991, p. 97). As Confrarias tinham como finalidade a promoção devocional de um santo ou de uma santa, inicialmente em torno de um altar doméstico passando posteriormente, conforme os recursos angariados pelos seus participantes, a ser celebrada em uma Igreja construída para este fim. A principal característica das Confrarias é a participação e a liderança leiga, sem a presença necessária e o controle do clero. Os brancos iniciaram com a fundação de Confrarias que veio a ser seguida pelos negros e mulatos. Nos estatutos das Confrarias dos brancos estava proibido o acesso de negros, mulatos e pessoas casadas com indivíduos de cor. Esta separação representava bem a separação racial e o conflito social existente na sociedade brasileira, agora encoberto com o manto da religião. Entre as várias Confrarias havia muitas vezes conflitos, não só entre brancos

5 Há dois tipos principais de Confrarias: as Ordens Terceiras e as Irmandades. Diante do interesse deste estudo só o segundo tipo será analisado. Sobre as irmandades ver a bibliografia apresentada em: SCARANO, Julita, *Devoção e escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

e negros, mas entre negros e mulatos e até entre as Confrarias de um mesmo grupo social. Entre os brancos havia a disputa entre famílias tradicionais pelo controle e os privilégios; entre os negros e os mulatos, uma vez que os últimos, na expectativa de ascensão social, não queriam se deixar confundir com os negros.

Segundo Bastide, para os negros, as Confrarias desempenharam um papel essencial na sua busca de resistência e reorganização na sociedade brasileira, elas serviam como locais de encontro e reivindicação:

Unicamente a manutenção das pessoas de cor em grupos separados perturbou esta assimilação, tendeu a uma divisão paralela das representações coletivas. Porque não só as “nações” eram preservadas enquanto grupos de festas, mas ainda cada qual podia originar uma confraria religiosa étnica. Na Bahia, por exemplo, a confraria do Senhor da Redenção não agrupava senão Daomeanos; a Ordem Terceira do Rosário era composta de negros Angolanos [...] (BASTIDE, 1985a, p. 170).

Eram organizadas por estatutos onde direitos e deveres eram bem definidos, patrocinando não só um sentimento de pertença a uma comunidade mística, mas também étnica (BASTIDE, 1985a, p. 166). No interior das Confrarias falava-se as línguas africanas e nos festejos coroavam-se os líderes como reis e rainhas disfarçados em figuras reais nos grupos de dança. Reminiscências desse processo podem ainda hoje serem percebidos nos festejos populares no interior do Brasil. As festas religiosas do calendário litúrgico cristão eram oficialmente celebradas terminando quase sempre com cantos e danças em frente da Igreja. Isso possibilitava aos negros de uma determinada nação, organizados sob o manto da confraria católica, de cantarem e dançarem celebrando e revivendo a memória profunda dos seus antepassados e dos seus mitos. O que era apresentado como festa popular aos olhos da Igreja e dos brancos eram na verdade atos litúrgicos celebrados pelos negros, revivendo de forma simbólica o desejo de libertação. Além de se organizarem para a prática da devoção a um determinado santo, preparando as festas e as procissões, as Confrarias negras contribuíram, através de doações dos seus membros livres, para a compra da libertação de vários outros negros. Uma outra atividade da confraria, ligada ao culto dos mortos, era assegurar aos seus membros um enterro e uma sepultura (BASTIDE, 1985a, p. 166-168). Oliveira chama-nos a atenção para três características fundamentais das Confrarias: a direção leiga não estando subordinada,

na sua organização, ao clero; a autonomia que gozavam, não havendo uma instância central controladora e por fim, o brilhantismo das festas religiosas (OLIVEIRA, 1976).

A escolha dos santos padroeiros era feita pelos próprios negros, ocorrendo aí uma identificação entre os negros e as suas devoções aos santos e santas católicos negros ou popularmente conhecidos como tais. Inconscientemente dá-se um processo de coesão social centrado no símbolo religioso representado pelo santo cultuado (SCARANO, 1976, p. 38). Juntamente com a devoção aos santos, os Orixás continuaram a ser celebrados (MIRA, 1983, p. 137) e estas celebrações foram a base de preservação da língua e das tradições dos vários grupos étnicos. Segundo Bastide, no interior destas Confrarias se desenvolverá um sincretismo religioso entre a religião trazida pelos escravos da África com o cristianismo aqui imposto pelos portugueses. Os terreiros com as suas determinadas nações são um prolongamento do que anteriormente se iniciou nas Confrarias. Ele afirma que:

Ela (a confraria) certamente adulterou as religiões africanas, iniciou a obra de sincretismo católico-africano, mas ajudou também a conservação de valores (sic) puramente africanos [...]. O que sabemos é que em toda parte onde existiram confrarias de negros, a religião africana subsistiu, no Uruguai, na Argentina, no Peru e na Venezuela, e que essas religiões africanas desapareceram nesses países quando a Igreja proibiu as confrarias de se reunir fora da Igreja depois da missa para dançar. [...] Quantas vezes notamos no Nordeste que essas confrarias de negros são compostas das mesmíssimas pessoas que freqüentam o candomblé e aí ocupam importantes cargos hierárquicos. Por conseguinte, a Igreja sem o querer ajudou a sobrevivência dos cultos africanos. A confraria não era evidentemente o candomblé, mas constituía uma forma de solidariedade racial que podia servi-lhe de núcleo e continuar em candomblé com o cair da noite (BASTIDE, 1985a, p. 79).

As Confrarias negras têm um papel especial na preservação e desenvolvimento das religiões africanas no Brasil. Não sendo possível um confronto direto e tendo sido os negros obrigados a assumirem a religião dos brancos portugueses, foi no interior destas Confrarias, sob o manto mítico religioso do cristianismo, que os negros iniciaram coletivamente a reestruturação das suas religiões de origem, assimilando os valores, mitos e símbolos do cristianismo, mas a partir das suas próprias categorias africanas, não havendo um embranquecimento das religiões africanas, mas sim, a africanização do catolicismo, dando, assim, origem ao que comumente se chama religião Afro-brasileira.

CONCLUSÃO

A pesquisa de Roger Bastide, de fato, marca uma ruptura epistemológica sobre os estudos afro brasileiros. De forma pioneira, Bastide busca, de forma interdisciplinar, compreender as construções feitas pelos afrodescendentes, na busca de reconstruírem as suas estruturas de plausibilidade social a partir do transporte para o Brasil, no sistema da escravidão. Os seus estudos extrapolam os estudos sobre as religiões de matriz africana, mas nos detemos, de forma sintética, a algumas das suas contribuições para a compreensão do sincretismo afro-católica, experiência marcante da matriz religiosa brasileira.

Paradoxalmente, será um europeu que busca compreender esses processos de construção de sentido, não a partir “de fora” (incapacidade genética, inferioridade psicológica, incapacidade cognitiva etc.), mas, sim, a partir “de dentro”, da busca, dos próprios negros, de construírem estruturas de plausibilidade, que dessem sentido às suas existências. Ele, de fato, inaugurou uma nova perspectiva nos estudos afro-brasileiros, que vem amadurecendo cada vez mais nos estudos e hoje, de forma ainda mais marcante, na medida em que pesquisadores envolvidos nas religiões de matriz africana também realizam estudos sobre as religiões de matriz africana, trazendo novos elementos à pesquisa.

Hoje, em temos marcados pela intolerância religioso e os “novos etnocentrismos”, as pesquisas de Roger Bastide continuam sendo uma referência para novos estudos desse campo rico e complexo sobre as religiões e religiosidades afro-brasileiras.

REFERÊNCIAS:

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: Contribuição para uma Sociologia das interpenetrações de civilizações, São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985a. v.1.

BASTIDE, Roger. **As Religiões africanas no Brasil**: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985b, v. 2.

BASTIDE, Roger. **Imagens do Nordeste místico em branco e preto**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BOCHINGER, Christoph. Synkretismus. In: DENDEN, Siegfried Rudolf (Hrsg.), **Wörterbuch der Religionssoziologie**, Güterslohner: Kröner, 1994.

BRANDT, Hermann, Kontextuelle Theologie als Synkretismus? Der „neue Synkretismus“ der Befreiungstheologie und der Synkretismusverdacht gegenüber der Ökumene. In: **Ökumenische Rundschau**, n. 35, 1986.

BREEVELD, Maria Madeleine. Uma revisão do conceito de sincretismo religioso e perspectivas de pesquisa. In: **REB**, Vol. 35, fasc. 138, Dezembro de 1975.

COLPE, Carsten. Synkretismus, Renaissance, Säkularisation und Neubildung von Regionen in der Gegenwart. In: ASSMUSSEN, J. P.; LAESSOE, J., (Hrsg.). **Handbuch der Religionsgeschichte**, Band 3, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1975.

FELDTKELLER, Andreas. Der Synkretismus-Begriff im Rahmen einer Theorie von Verhältnisbestimmungen zwischen Religionen. In: **Evangelische Theologie**, n. 52, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. 406.

LEEuw, G. van der. **Phänomenologie der Religion**. Tübingen: Mohr (Siebeck), 1956.

LUCKMANN, Thomas. **A religião invisível**. São Paulo: Loyola/Olho d'água, 2010.

MAGER, Inge. Synkretismus Streit. In: FAHLBUSCH, E.; LOCHMAN, J. M.; MBITI, J.; *et al.* (Hrsg.), **Evangelisches Kirchenlexikon**, Band 4, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

RAMOS, Artur. **O negro brasileiro: etnografia religiosa**. São Paulo: Editora Nacional, 1951.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SCARANO, Julita, **Devoção e escravidão**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

TERRA, João Evangelista Martins. Sincretismo e Cristianismo. In: **Revista de Cultura Bíblica**, Vol. IX, 1985.

VALENTE, Waldemar. O sincretismo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

WAGNER, Falk. „Nämlich zu Hause ist der Geist nicht im Anfang“: Systematisch-theologisch Erwägungen zum Synkretismus In: **Neue Zeitschrift für systematische Theologie und Religionsphilosophie**, Band 36, Heft 3, 1994.